

ANÁLISE DE DISCURSO: A QUESTÃO DOS FUNDAMENTOS

DOMINIQUE MAINGUENEAU
Université d'Amiens (França)

Para muitos pesquisadores, ocupar-se dos fundamentos da disciplina em que eles se inscrevem constitui um luxo inútil: a caução da linguística lhes parece uma legitimação suficiente. Para eles, a análise de discurso é apenas uma extensão, de algum modo natural da linguística, uma disciplina que viria preencher o vazio deixado anteriormente pelo desinteresse pelas estruturas textuais. Quando se trata da escola francesa de análise de discurso é impossível fazer isto, estando as considerações teóricas tão estreitamente associadas às investigações empíricas que, às vezes, chegam mesmo a suplantá-las.

Neste artigo, queríamos voltar às condições de emergência desta escola francesa, não para fazer o trabalho do historiador ou por nostalgia dos anos 60, mas porque é ao nível dos fundamentos que tudo se passa. Os desenhos animados freqüentemente nos mostram personagens que, sem o saber, andam no vazio; percebendo repentinamente que deixaram o solo firme, eles caem no abismo. É isto que pode acontecer à análise de discurso¹ se ela não se interrogar a respeito de si mesma.

Muitas vezes se apresenta a análise de discurso como uma tentativa para superar os limites da filologia tradicional e das diversas "análises de conteúdo" em uso nas ciências humanas. Na linha direta da "nova crítica" literária e do conjunto do estruturalismo, a análise de discurso reconhece a existência de "estruturas" específicas da discursividade, pré-requisito obrigatório para qualquer análise séria de textos. A filologia se vê assim censurada por ter negligenciado esta "textualização" do sentido, por apreender o texto só como um documento significativo de um certo contexto histórico e social. Como se a interpretação de um texto fosse somente o esclarecimento da intenção que presidiu sua enunciação: quem é seu ator? a quem se endereça? com que finalidade? em que circunstâncias? que alterações recebeu o documento? etc. Para a análise de discurso, o saber linguístico, ao invés de ser convocado apenas para dissipar as opa-

idades que podem se interpor entre o presente da leitura e a evidência da proferição primeira, deve tornar-se parte do processo interpretativo.

Quanto às análises de conteúdo, elas estão sujeitas a críticas dessa mesma ordem. A análise de discurso lhes reprova o terem recortado os textos aplicando critérios exteriores às escanções que eles impõem e atravessar os significantes como se eles fossem transparentes à realidade a qual se supõe que eles remetam. Para a análise de conteúdo, o discurso não seria senão um meio de atingir o real e não uma modalidade desse real que deve ser apreendido em sua materialidade.

Ainda que esta maneira de pensar o aparecimento da escola francesa não seja destituída de pertinência, supõe uma concepção bastante ingênua da evolução das ciências humanas. Com efeito, esta escola não surgiu da constatação de uma falta, como se o saber fosse um imenso mapa do qual bastasse ocupar os espaços ainda virgens. De fato, é pelo cruzamento de interesses de diversas ordens que um domínio de investigação original pode emergir.

Dar-se-á assim toda importância à vida cultural francesa. Antoine Culioli insistiu particularmente sobre o papel privilegiado que a literatura desempenha na França e faz a hipótese de que a análise de discurso foi um modo de substituir a explicação de textos escolar. Para ele, existiria por outro lado "uma obsessão francesa pela significação" e os analistas de discurso franceses teriam aí encontrado "um meio de abordar problemas de significação pulando por sobre os problemas de forma: tal como eles podem se colocar de um ponto de vista estritamente lingüístico e lógico"². Em outros termos, a escola francesa de análise de discurso, voltada para os textos, seria o contraponto de uma "análise" anglo-saxônica que se interessa sobretudo pelas proposições. Em certos aspectos, este diagnóstico se liga ao de T. Pavel³ para quem o estruturalismo francês teria sido uma tentativa para remediar o atraso da reflexão sobre a linguagem mas continuando a ignorar os nomes de Frege, Russel ou Wittgenstein.

Isto não é entretanto suficiente para explicar o desenvolvimento dessa corrente. É preciso levar em conta igualmente a conjuntura das ciências humanas na França dos anos 60. Em um contexto em que o conjunto das produções culturais se torna passível de uma "leitura", onde tudo é transmutado em "texto" por uma abordagem estrutural, o aparecimento da análise de discurso pode parecer inevitável: seria apenas o nome dado à extensão a novos objetos do princípio estruturalista da "nova crítica" literária.

Mas não conseguimos explicar a emergência da escola francesa invocando apenas o sinal dos tempos. Ela definiu um procedimento cuja forma heurística transborda largamente o quadro metodológico e teó-

rico do estruturalismo. Para dar a este empreendimento seu caráter de necessidade, para que houvesse interesse em outros corpus que não os de literatura, para que a lingüística se tornasse outra coisa que não um saber ocasionalmente consultado pelo filólogo, foi preciso mais do que a pressão exercida pela conjuntura estruturalista. Foi preciso uma parte de sonho, o sentimento de imperiosa urgência conferido por um projeto enraizado em um projeto intelectual bem preciso, no caso o do althusserianismo, que dominava então na França a cena filosófica e a reflexão nas ciências humanas. Falamos aqui do "althusserianismo" e não da filosofia de Althusser porque foi essencialmente uma espécie de vulgata que exerceu a influência determinante, que deu forma ao projeto da escola francesa. Um sociólogo ou um historiador não teria dificuldade em mostrar que os promotores da análise de discurso estavam ligados de muito perto ao pensamento althusseriano. Mas basta considerar a conjuntura intelectual na França desta época para compreender a que ponto o lugar desta análise do discurso aí estava rigorosamente prescrito.

Althusser, sabe-se, visa dar um fundamento mais seguro ao marxismo combinando-o com a tradição epistemológica francesa e o estruturalismo. Para não basear o marxismo na consciência dos sujeitos ele se esforça por substituir a filosofia pos-hegeliana da "praxis" por uma epistemologia, substituição que toma as cores de um anti-humanismo. Althusser obtém assim todas as consequências do conceito marxista de "ideologia", afirmando o caráter irreduzível da distância entre ciência e representação:

"Na ideologia os homens exprimem não suas relações com suas condições de existência mas o modo como eles vivem suas relações com suas condições de existência: o que supõe ao mesmo tempo relação "real" e relação "vívida", "imaginária". (...) Na ideologia a relação real é investida inevitavelmente pela relação imaginária: relação que antes **exprime** uma vontade (conservadora, conformista, reformista ou revolucionária), ou mesmo uma esperança ou uma nostalgia, do que descreve uma realidade⁴."

Desse modo, o "materialismo dialético" é que tem de construir as condições de um discurso científico, de uma epistemologia que coincidiria com a filosofia marxista e escaparia à ideologia, à qual os sujeitos estão espontaneamente presos. Para Althusser esta epistemologia já estaria agindo no **Capital**, que convém ler como um acontecimento da história das

ciências. Marx aí marca com efeito um verdadeiro "corte epistemológico" mesmo se o seu pensamento explícito permaneça em certos aspectos impregnado de historicismo, de humanismo, de hegelianismo, em uma palavra de ideologia. Tal distorção entre a filosofia de Marx e sua prática científica supõe evidentemente uma leitura adequada do texto marxista, uma interpretação que seja capaz de separar a ciência nova de seus obstáculos epistemológicos.

Como intervém aqui o projeto de análise de discurso? Pela necessidade de definir uma ciência da ideologia da qual a análise de discurso seria um componente essencial. O pensamento de Althusser implica a existência desse ramo do saber sob a dupla modalidade de uma "teoria da ideologia em geral" e de uma "teoria das ideologias particulares, que exprimem sempre, qualquer que seja sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), **posições de classe**"⁵. Esta teoria deve estudar a "deformação imaginária"⁶ que sofrem as "relações reais" dos indivíduos face a suas posições na formação social, quando elas se transmudam em representações ideológicas. Ela parte do princípio que esta deformação obedece a certos processos constantes cujo funcionamento é possível colocar em evidência.

Até aqui não fizemos intervir a linguística que a priori não parece fazer parte da questão. Sua intervenção obedece a um duplo motivo. Antes de tudo, a autonomia relativa da linguagem, unanimemente reconhecida na conjuntura estruturalista, impunha que se passasse por suas leis ao invés de se "agarrar" diretamente a instâncias sócio-econômicas. Em segundo lugar, no concerto das ciências humanas a linguística passava por ter operado de maneira decisiva este "corte epistemológico", este distanciamento de sua própria ideologia que qualifica a cientificidade. Assim, graças à linguística, deveria poder se constituir uma análise do discurso verdadeiramente científica. Mais amplamente, a linguística caucionava tacitamente a linha de horizonte do estruturalismo na qual se inscreve o procedimento althusseriano.

Mas para compreender a gênese da escola francesa é preciso fazer entrar em cena um outro ator, igualmente capital, a psicanálise, vista através do "retorno à Freud", tal como o definiu nesta época Lacan.

Oficialmente, o nome "análise de discurso" é a transposição em francês do termo "**discourse analysis**" que designa um método elaborado pelo linguista americano Z. Harris para estender o distribucionalismo a unidades transfrásticas. Mas isto não é suficiente para explicar porque foi precisamente esta denominação que ficou e porque ela suscitou imediatamente tal adesão. Muito se disse sobre a pertinência da noção de "discurso" mas nada se disse sobre a de "análise", que é tomada em geral

como uma espécie de variante de "estudo". De fato, esta análise merece bem seu nome. Antes de tudo porque a "análise" de Harris, fundada sobre o teste de comutação, se inscreve no quadro estruturalista de uma decomposição das unidades da língua em elementos mínimos, mas também porque a escola francesa de análise de discurso se afirma como uma "análise" (= uma psicanálise) aplicada aos textos. Há aí muito mais que uma coincidência de nomes: é a materialização de uma certa configuração do saber em que o mesmo termo "análise" funciona ao mesmo tempo sobre os registros lingüístico, textual e psicanalítico.

Nos fins dos anos 60 a frente do palco intelectual estava ocupada ao mesmo tempo pelo marxismo, pela psicanálise e pelo estruturalismo. Para os que estavam presos a esse universo, trata-se mais de um ser tricéfalo do que de três correntes distintas e convergentes. Reivindica-se constante e simultaneamente o marxismo (althusseriano), a psicanálise (lacaniana), o estruturalismo lingüístico. Este último tem, aliás, um estatuto paradoxal pois ele é ao mesmo tempo um dos três elementos e o meio no qual eles se banham, ainda que se pudesse descrever as grandes manobras teóricas desta época como uma série de variações sobre a arte de articular, um sobre o outro, estes três horizontes, então, intransponíveis, do pensamento. Toda intervenção sobre um deles se desdobra por uma referência constante aos dois outros: o "parletre" lacaniano deve assim receber uma leitura tanto em termos lingüísticos que ideológicos, a noção de 'produção' passa da economia à linguagem e ao inconsciente etc. Esse processo de trocas generalizadas torna-se mais fácil pela redução última de todas as interrogações a uma questão de duas faces: o que é um texto?/como ler um texto? Questão que comanda tanto as metodologias estruturalistas nas ciências humanas quanto a própria legitimação dos discursos teóricos: definir o marxismo ou a psicanálise, é dizer como se deve ler Marx ou Freud, e, mais geralmente, de que modo é preciso ler. E neste movimento que se inscrevem o programa da teoria das ideologias e a análise de discurso que lhe está ligada.

O marxismo althusseriano identifica seu 'retorno a Marx' ao "retorno à Freud" lacaniano. Desde 1964, no artigo de Althusser sobre "Freud e Lacan"⁷ pode-se ver que se opera uma convergência particularmente forte entre os dois tópicos, freudiano e marxista.

"Convém dizer que a ideologia pertence à região "consciência" (...) Na verdade, a ideologia tem muito pouco a ver com a consciência, supondo-se que este termo tenha um sentido unívoco. Ela é profundamente inconsciente, mesmo quando se apresenta (como na "fi-

losofia" premarxista) sob uma forma refletida. A ideologia é bem um sistema de representações: mas estas representações não têm, na maior parte do tempo, nada a ver com a "consciência": elas são na maior parte das vezes imagens, às vezes conceitos, mas é antes de tudo como estruturas que elas se impõem à maioria dos homens, sem passar por suas consciências."⁸

No althusserianismo a ideologia vem pois ocupar o lugar tomado na psicanálise pela ilusão de autonomia da consciência dos sujeitos:

"Desde Marx, sabemos que o sujeito humano, o ego econômico, político ou filosófico não é o "centro" da história - nós sabemos mesmo contra os Filósofos das Luzes e contra Hegel que a história não tem "centro" mas possui uma estrutura que só tem um centro necessário no desconhecimento ideológico. Freud nos descobre por sua parte que o sujeito real, o indivíduo em sua essência singular não tem a figura de um ego centrado sobre o "moi", a "consciência" ou a "existência" - quer seja a existência do para-si, do corpo próprio, ou do comportamento-que o sujeito humano é decentrado, constituído por uma estrutura que ela também não tem centro senão no desconhecimento imaginário do "moi" isto é nas formações ideológicas em que ele se "reconhece"⁹.

Aqui se ligam claramente freudismo, marxismo e estruturalismo em favor da tese sobre a consciência mistificada.

Para a análise de discurso que assim se desenha um programa, as consequências não se fazem esperar: trata-se para ela de aplicar o modelo de análise da *Traumdeutung* de Freud ao "discurso" das ideologias. Nesta conjuntura do saber isto só é factível se fazemos intervir a caução da lingüística estrutural:

"Em sua grande obra **A Ciência dos Sonhos**, que não é anedótica ou superficial como se crê freqüentemente, mas fundamental, Freud tinha estudado os "mecanismos" ou "leis" reduzindo suas variantes a duas: o **deslocamento** e a **condensação**. Lacan aí reconheceu duas figuras essenciais designadas pela lingüística: **metáfora** e

a metonímia. Por aí, o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma se tornavam, como os próprios elementos do sonho, **Significantes**, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, duplicando em silêncio, isto é, em voz surda, no desconhecimento do recalque, a cadeia do discurso verbal do sujeito humano. Por aí, somos introduzidos no paradoxo, formalmente familiar à linguística, de um discurso duplo e uno, inconsciente e verbal, tendo por campo duplo apenas um campo único sem nenhum para além senão ele mesmo: o campo da "Cadeia Significante". Por aí, a mais importante das aquisições de Saussure e da linguística saída dele entram de pleno direito na inteligência do processo tanto do discurso do inconsciente quanto do discurso verbal do sujeito e de sua relação, isto é, de sua não relação idêntica a sua relação, em suma de sua reduplicação e de seu deslocamento¹⁰."

É desse "discurso duplo e uno" que Althusser tenta fornecer a teoria no **Ler o Capital** sob o nome de "leitura sintomática"¹¹ que "revela o irrevelado no próprio texto que ela lê, e o remete a um outro texto, presente no primeiro por uma ausência necessária". Duplicidade relacionada à psicanálise que sabe decifrar "sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade referível de um segundo, de um discurso outro, o discurso do inconsciente"¹².

Nós lembramos essas coisas bem conhecidas para mostrar com que rigor se encontra esboçado o programa de pesquisa disso que será a escola francesa de análise de discurso. No fim de seu artigo "Freud e Lacan" Althusser propõe assim "uma melhor inteligência dessa **estrutura do desconhecimento** que interessa mais que tudo a qualquer pesquisa sobre a ideologia"¹³. Através da afirmação de uma duplicidade discursiva necessariamente desconhecida trata-se - apoiando-se sobre a cientificidade da linguística e daquela, menos segura, do materialismo histórico - de restaurar a inconsciência fundamental de um texto que é o produto do trabalho ideológico da mesma maneira que o sonho é o produto de um trabalho psíquico regido por leis. Quer se trate dos interesses obscuros do desejo ou daqueles de uma classe social, o analista deve tomar por objeto os processos da ilusão, onírica ou discursiva: substituições, deslocamentos... liberam sentido para os que possuem uma teoria e uma técnica de leitura adaptadas. Construir esta teoria e esta técnica, esta é a ambição de uma análise de discurso que se compraz em evocar essas passagens em que *Marx fala das "máscaras"* que tomam as ideologias, em particular no 18

Brumário de Luiz-Napoléon Bonaparte.

Nesse contexto, a vontade militante e o interesse científico parecem indissociáveis: estudar os processos de “deformação” ideológica no discurso é trabalhar em uma obra de desmistificação e fazer progredir a causa da revolução. Muito se refletiu sobre o fato de que a escola francesa se voltou quase exclusivamente para o corpus político. Alguns, entre os quais eu mesmo, quiseram explicar esse fenômeno por razões de comodidade heurística, outros pela pressão da conjuntura política. Essas explicações são certamente válidas, mas há mais: para uma perspectiva althusseriana o termo “político” na expressão “análise do discurso político” é em certo sentido redundante já que o discurso só é discurso se ligado a interesses políticos. Como a discursividade é definida no interior da ideologia, todo discurso tomado como objeto de análise entra ipso facto no campo político.

O período imediato a 1968 constitui o momento chave para o desenvolvimento da escola francesa. Aí detectamos três lugares principais de manifestação: o departamento de lingüística da Universidade de Paris X - Nanterre, dirigida por Jean Dubois; o centro de Lexicometria política da Escola Normal Superior de Saint Cloud; o empreendimento da “análise automática de discurso” coordenado por Michel Pêcheux no Laboratório de Psicologia Social de Paris VII, associado ao CNRS. A esses lugares é preciso juntar o trabalho solitário de Jean-Pierre Faye, que institui uma problemática que lhe é própria mas em um espaço teórico muito próximo, em que se aliam marxismo e lingüística em uma reflexão sobre os poderes políticos do discurso¹⁴.

Enquanto a equipe de Saint Cloud elabora instrumentos da informática para estudar o vocabulário dos “volantes” dos movimentos dos estudantes de maio de 1968, os pesquisadores de Nanterre abordam o discurso político pelo viés daquilo que se chamava impropriamente a “análise harrisiana”. Quanto à Pêcheux, suas preocupações não vão para o léxico; a informática é posta a serviço de uma semântica marxista que não hesita em se reclamar certos conceitos da psicanálise lacaniana. Colaborador próximo de Althusser, Pêcheux trabalha ao mesmo tempo contra o positivismo dominante em psicologia social e, em seu próprio campo, contra o dos comunistas que, por motivos variados, rejeitam a psicanálise. Em 1969 aparecem o número 13 da revista **Langages**¹⁵ intitulado “A análise do Discurso”, elaborado no quadro da Universidade de Nanterre, assim como a obra de Pêcheux, **Análise Automática do Discurso**¹⁶. Essas duas obras marcam de algum modo o registro de nascimento da nova disciplina.

Parece assim que a escola francesa de análise de discurso se enraiza menos em um freudo-marxismo que em um lacano-althusseranismo.

que se encontra no firmamento do pensamento nos meados dos anos 60. Este enraizamento intelectual terá conseqüências se pensamos na rapidez da erosão das autoridades no campo das ciências humanas. A partir daí várias atitudes são possíveis:

- Não se colocar nenhuma questão e continuar a trabalhar como se não houvesse nada;

- Manter a inscrição da análise de discurso nesta conjuntura teórica de aliança entre marxismo e psicanálise;

- Repensar os fundamentos da análise de discurso.

A primeira atitude é suicida a menor ou maior prazo. Uma disciplina como a análise de discurso não pode se tornar um simples método de investigação empírica sem perder toda sua razão de ser, sem ser absorvida no universo indeciso de uma espécie de pragmática das situações de comunicação.

A segunda atitude é irrealista. Entendam-nos: o problema não está em que a psicanálise ou o marxismo estão ou não superados. De fato, a análise de discurso saiu de uma versão particular do marxismo e da psicanálise, ligada a uma conjuntura teórica determinada, a do estruturalismo. A análise de discurso não pode fazer como se nada tivesse mudado nas ciências humanas desde há vinte e cinco anos.

A última atitude, a nosso ver mais pertinente, define uma tarefa a cumprir. Várias soluções são possíveis.

Uma delas consistiria em modernizar as referências teóricas da lingüística, do marxismo e da psicanálise levando em conta a evolução das ciências humanas. Este procedimento pressupõe que o núcleo primitivo da análise do discurso permaneça válido e que é somente sua "vestimenta" que envelheceu. Um outro procedimento, que teria no momento nossa preferência, consistiria em fazer a hipótese de que a análise de discurso ultrapassa seu enraizamento lacano-althusseriano, que este enraizamento é ele mesmo apenas uma interpretação. É inegável que a análise de discurso se alimentou do althusserianismo mas isto não significa que ela se reduza a ele. Podemos muito bem conceber que a solidez dessa referência impede de ver um movimento de pensamento, na realidade, mais complexo. O próprio fato de que a análise de discurso tenha sobrevivido ao apagamento da conjuntura que a tornou possível, o fato de que ela tenha podido tocar públicos estranhos ao marxismo e à psicanálise parecem indicar que isto que por longo tempo tomamos como uma ortodoxia talvez não o seja.

Ao invés de uma resposta colocamos pois uma pergunta. Mas ela está longe de ser fútil se consideramos a indigência conceptual de muitos trabalhos sobre o "discurso" que florescem hoje no mundo inteiro.

NOTAS

1. Neste artigo admitir-se-á que quando falamos de “análise de discurso” falamos daquilo que às vezes se chama de escola francesa de análise de discurso.
2. “Mesa-redonda” em **Materialités Discursives**, B. Conein et alii, Presses Universitaires de Lille, 1981, p.196.
3. **Le Mirage Linguistique**, Paris, Minuit, 1988.
4. **Pour Marx**, Paris, Maspero, 1965, p.240.
5. “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”, em **La Pensée**, n.151, junho 1979, retomado em **Positions**, Paris, ed. Sociales, 1976, p.96.
6. **Op. cit.** p.104.
7. Artigo retomado em **Positions**, p.9-34.
8. “Marxisme et Humanisme” em **Pour Marx**, p.239.
9. **Positions**, pp.33-34.
10. **Positions**, pp.23-24.
11. **Lire le Capital**, Paris, Maspero, p.28, tomo 1, 1971 (1 ed. 1968).
12. **Lire le Capital**, p.12.
13. **Positions**, p.34.
14. Ver **Langages Totalitaires**, Paris, Hermann, 1971.
15. Didier-Larousse, Paris.
16. Paris, Dunod.